

Deponente: João Paulo Pires Vasconcellos

Entrevistador: José Antônio Marçal

Data: 28 de março de 2017

JOSÉ ANTÔNIO: Ok. Então, bom dia!

JOÃO PAULO: Bom dia.

JOSÉ ANTÔNIO: Esse depoimento, ele será realizado em nome da Comissão da Verdade de Minas Gerais, COVEMG, através do grupo B e da subcomissão 3, que é responsável pela elaboração do relatório sobre violações de Direitos Humanos a trabalhadores urbanos, né, de um modo geral aí. A equipe da subcomissão 3 tem a seguinte composição: como membro efetivo da COVEMG, o Senhor Jurandir Persichini, como assessor, o Senhor Ronald Rocha, e como bolsistas, Luiz Gonzaga, Josias de Matos e eu, José Antônio Marçal. Hoje é dia 28 de março de 2017, nesse momento são 9h16min e nós estamos aqui no estúdio, laboratório da universidade FUMEC, em Belo Horizonte, para acompanhar e registrar o depoimento do Senhor João Paulo Pires de Vasconcelos. Estão presentes aqui para acompanhar esse depoimento eu, José Antônio, o senhor, o assessor Senhor Ronald Rocha, assessor da comissão 3. O objetivo desta audição é coletar informações, dados, enfim, sobre repressões praticadas contra os sindicatos e trabalhadores, particularmente, da categoria que o senhor fez parte, né? No período do Regime Militar, compreendido basicamente entre 1964 a 1988, nós estamos estendendo um pouco mais esse período. O formato aqui do depoimento vai seguir três passos, basicamente. O primeiro, a gente, o senhor tem a palavra pra expor, fazer exposição, o tempo que o senhor achar necessário sem interrupções, após a exposição a gente abre pra algumas perguntas dos presentes aqui e essas perguntas vão ser intercaladas com a resposta do senhor, então... E, por fim, a gente retorna a palavra para o senhor fazer as considerações finais. Então, a partir deste momento a gente dá a palavra para o senhor fazer a exposição, para o senhor relatar aí...

JOÃO PAULO: Eu acho de suma importância se lembrar a verdadeira história desse país, não é? Que nunca foi escrita. Como eu disse a vocês, um grande problema no Brasil é o sistema de educação que nunca contou a história brasileira, e por isso a história brasileira que se conhece é aquela registrada através da mídia, sempre mídia, pra dizer pouco, vendida. Então a verdadeira história do Brasil fica oculta. Começando

lá de trás... Porque eu comecei desde os meus 14, 15 anos a frequentar sindicato. A minha primeira atividade como empregado foi numa companhia de seguros, Mercantil Seguros. Eu devia ter em torno de 15 anos, mais ou menos, e os securitários eram filiados ao Sindicato dos Bancários, e o Sindicato dos Bancários era um sindicato importantíssimo. Ele à época era dirigido por Armando Ziller. Armando Ziller foi um militante político de suma importância e que, por umas circunstâncias, ele se salvou da repressão, porque ele estava em um congresso da Central Sindical Mundial Comunista, em Praga, e quando ocorreu o golpe de 64 ele estava lá e não voltou. Foi voltar já no princípio da década de 80, quando houve a anistia. Então essa história, a gente obedecer um caminho cronológico é importantíssimo. Hoje se ouve e se vê, através da televisão, uma campanha feroz contra os direitos sociais. Eles dizem: “não, a CLT é ultrapassada, é velha.” De jeito nenhum! Na consolidação das leis do trabalho estão os direitos fundamentais dos trabalhadores brasileiros. Não tem nada de ultrapassado. O que eles veem, depois de Getúlio Vargas, né? Getúlio Vargas foi o único presidente da república estadista que cuidou da proteção social dos trabalhadores. Então a CLT é importantíssima! Eles hoje falam assim que é ultrapassada porque eles não estão querendo lei nenhuma que proteja o assalariado brasileiro. Então a CLT foi instituída em 1943 e gerou efeitos, assim, fantásticos, porque a exploração do trabalho no Brasil sempre foi dentro de uma linha escravocrata, né? Ainda hoje, os salários brasileiros são miseráveis. Então naquela época o Getúlio Vargas instituiu o salário mínimo, que não tem o valor que tem hoje, degradado dessa forma, era um salário mínimo que estabelecia condições para o assalariado viver dignamente. E ele foi muito, muito hostilizado, o Getúlio Vargas... E essa história, como eu pude dizer há pouco pra vocês, é muito lembrada pelo grande jornalista brasileiro que se chama Mauro Santayana. Ele acompanhou, inclusive, ele já era jornalista lá no Catete, a queda do Getúlio Vargas. Então Mauro conhece a história, não só do Brasil, porque foi correspondente da Folha de São Paulo lá fora, foi ativo do Comercial do Brasil na Itália, então ele escreve até hoje e o que ele escreve é muito importante até hoje, principalmente os escritos dele... Ele escreve pro JB, eu não sei, uma revista ou jornal, ele escreve lá toda semana. Então o Mauro presenciou isso lá, e o que se sabe, e é como sempre até hoje, os norte-americanos, os Estados Unidos da América do Norte, dominam o mundo e, por consequência, o Brasil. Eu digo sempre que ali está a origem do terrorismo mundial. As pessoas se assustam, não, mas é verdade. É verdade! É um império que domina o mundo, e qual

foi o maior ato de terrorismo já praticado na história universal? Foram as duas bombas atômicas despejadas sobre Hiroshima e Nagasaki! Não é? Um crime inominável! Não existe crime contra a humanidade maior do que esse. Então os americanos já nessa época, do Getúlio Vargas, tinham uma influência enorme no Brasil. E na época do Getúlio Vargas, os sindicatos tiveram uma... O sindicato dos trabalhadores tiveram uma ascensão muito grande por quê? Porque o Getúlio Vargas criou a consolidação das leis do trabalho com um dispositivo importantíssimo, que é a estabilidade no emprego. Esse dispositivo legal sempre foi o horror dos grandes empresários multinacionais que dominavam o Brasil. Por quê? Porque o indivíduo, ao chegar aos 9 anos em uma empresa, ele tinha a perspectiva da estabilidade que ele iniciava aos 10 anos de trabalho. E se ele era demitido antes, a justiça do trabalho concedia um ganho de causa ao trabalhador demitido, porque era uma dispensa obstativa, pra impedir que o indivíduo consolidasse a garantia do emprego. E os empresários assim: “isso é engessar as relações de trabalho”, mentira pura. Mentira absoluta. O indivíduo, depois de 10 anos, ele não se tornava negligente, ele era um empregado que ficou até 10 anos ficou ali, um empregado que dava a vida dele pelo trabalho. Agora tinha uma coisa, ele podia ir ao seu sindicato, assumir todas as mobilizações que o sindicato promovia sem o risco de ser degolado, de ser demitido da empresa por estar defendendo seus direitos. Então o Getúlio Vargas foi a figura, o estadista, que realmente deu proteção social pra todos os trabalhadores brasileiros. Mas nessa época os americanos já tramavam contra a classe trabalhadora brasileira, como sempre, né? Eles então, no governo Dutra, que o Getúlio caiu, o Dutra começou o desmonte da proteção dos trabalhadores. E o Dutra criou a Escola Superior de Guerra, que era o antro de entreguismo militares, antro de entreguismo dos interesses brasileiros aos Estados Unidos. Mas a classe trabalhadora, ali, ela já tinha uma estatura organizacional no Brasil todo, as confederações, podemos citar inclusive um militante aqui de Minas Gerais, que teve uma atuação muito importante, o Clodesmidt Riani. E outros, cujos nomes eu não estou me lembrando agora, que cumpriram um papel importantíssimo no desenvolvimento sindical, principalmente aqui em Minas...

JOÃO PAULO: E eles se integravam com o movimento sindical nacional. E nessa época cai o Getúlio e entra o Juscelino. E vamos lembrar, assim, por exemplo, a Previdência Social, Getúlio Vargas. A Previdência Social, ela tinha uma estrutura tripartite, quer dizer, ali estavam governo, empresários e empregadores, todos contribuintes da Previdência Social. Essa foi uma questão importantíssima de proteção

dos assalariados brasileiros instituída pelo Getúlio Vargas. No governo Dutra, se estou bem lembrado, ele retirou o Estado, ficou o empregador e o empregado. Daí pra frente nenhum governo cuidou de fortalecer a Previdência Social. Cuidaram de desmontar a Previdência Social. O Juscelino esvaziou o cofre da Previdência Social pra construir Brasília. Daí pra frente nenhum governo que eu conheça cuidou de desenvolver a Previdência Social e fortalecê-la. Vem então o Juscelino Kubitschek, e na década de 50, o Getúlio Vargas saiu, entrou o Dutra e o Getúlio Vargas voltou eleito com uma votação massiva em 1951. E entrou o Juscelino Kubitschek de Oliveira. E também, o Juscelino foi um homem que esvaziou os cofres da Previdência Social. Evidentemente que a Previdência Social era um fundo cumulativo, não se podia esvaziar e utilizar pra outras finalidades os recursos da Previdência Social. As aposentadorias viriam a acontecer mais a frente, então desde que ela foi instituída, ela foi juntando recursos para atender as aposentadorias e pensões que viriam no correr no tempo. E nessa época, eu... Em 54, eu estava trabalhando na Cemig. Não, 54 não... Em 50, 51, 52, 53 eu trabalhei na Cemig e depois eu fui trabalhar em uma outra empresa, uma empresa norte-americana. O que aconteceu depois disso, né? Essa evolução da classe trabalhadora, os sindicatos ganharam uma estatura que, de direito que eles tinham dentro do contexto nacional. E nessa época eu tinha ido trabalhar na usina siderúrgica da Belgo-Mineira. Eu cheguei lá em junho de 61. Numa época em que o movimento operário estava muito forte. E uma empresa... A evolução da indústria brasileira pode ser muito fortalecida pelo que eu vou contar agora. Então as empresas tinham que enfrentar um movimento sindical consolidado. Indo pra Monlevade, eu fui trabalhar na área de engenharia civil, que eu estudei agrimensura, e fui pra lá, eles me convidaram pra ir pra Monlevade pra trabalhar na área de engenharia. Porque Monlevade era uma cidade praticamente isolada, porque os meios de comunicação eram ainda deficientes, né, naquela ocasião eles estavam começando a abertura da 262, e ia-se muito a Monlevade de estrada de ferro, e a gente levava 5, 6 horas pra ir daqui a Monlevade. Então a companhia siderúrgica Belgo-Mineira tinha muita dificuldade em levar pra lá técnicos qualificados, porque era uma cidade pequena, e naquela época as pessoas, essa comunicação inclusive... A estatura financeira, era um distrito de Rio Piracicaba, então Monlevade era uma cidade que tinha poucos recursos. Então a empresa dava tudo para os operários. Casa, assistência médica hospitalar, abastecimento, os empregados compravam no armazém da empresa, tinha lactário. Meu terceiro filho nasceu lá. Vinham 6 mamadeiras pro meu filho do lactário da

empresa. Cinema... Tudo, tudo, um hospital muito bom, atendia muito bem aos trabalhadores, tudo fornecido pela empresa. E o sindicato atuante. Aí vem a história do golpe de 64. A história que... Distorcida, né? Eu me lembro naquela época uma campanha feroz contra os comunistas. Foi o que respaldou o Golpe de 64, com a igreja católica integrada no planejamento do Golpe. E veio o Golpe, eles falam de dia 30 de março, mas na verdade é mentira, porque deve ter sido dia primeiro de abril, pelo menos, se não foi, as características eram essas. Deram o Golpe de 64. Quando eu fui para Monlevade, eu cheguei e me filiei ao sindicato dos metalúrgicos de lá. Lá, a chefia da empresa me chamou e falou assim: “ué, você filiado ao sindicato? Gente do seu nível aqui não filia sindicato, não”. Falei assim “não, é um direito meu, eu vou filiar ao sindicato, estou filiado e vou participar do sindicato.” Mas, àquela época, um indivíduo de nível de supervisão era tido com indivíduo que era instrumento único da empresa, então eu não era bem recebido no sindicato. Havia uma desconfiança deles para com esse nível de pessoas que trabalhavam na empresa. Um sindicato muito forte. Aí vem o Golpe de 64. A primeira coisa que aconteceu no Golpe, eles puseram um interventor, a empresa respaldada pelo governo, pôs um interventor no sindicato. Esse interventor era um tenente do exército, que ele era um homem chagásico e ele reformou e foi pra Monlevade, e foi ser chefe da segurança da empresa. Era uma figura muito interessante, ele gostava muito de futebol, era técnico de futebol, e ele então integrou muito ao movimento lá, ele não se envolvia no sindicato, mas ele era técnico do time de futebol, ele ajudava muito lá, conhecia todo mundo dentro da igreja... Da companhia. E ele é que foi designado interventor no sindicato. Imediatamente a empresa mandou um preposto dela conduzir 15 trabalhadores estáveis para que o tenente Corgozinho, como ele se chamava, fizesse o nome dele completo era Mario Zacarias Corgozinho, para que ele fizesse a rescisão do contrato dos trabalhadores estáveis. O tenente recebeu os homens no sindicato, olhou pra cara deles e falou com o preposto da empresa “não, eu não faço essa rescisão, não. Eu conheço esses homens todos, esses homens são trabalhadores valiosos, essa rescisão de contrato só pode ser feita após um processo de justa causa. Eu não faço a rescisão de contrato desses... A homologação”. Voltaram com os trabalhadores. Logo depois o presidente da empresa, chamava-se Joseph Hein, comunicou-se com ele no sindicato e falou: “Tenente Corgozinho, vou enviar novamente os homens aí para que o senhor faça a rescisão de contrato deles”. Ele falou: “o senhor não mande, porque eu não farei a homologação dessas rescisões. Eu sou um homem da revolução aqui,

mas eu vou cumprir a lei. Se o senhor não quer cumprir a lei, eu vou cumprir a lei”. O presidente da empresa falou: “então você vai sair daí”. Saiu e foi substituído por um contramestre, chefe do setor de energia, chamado Alencar de Assis. E o Alencar de Assis homologou as rescisões. Isso é muito importante pra que as pessoas entendam como as empresas se comportaram e sempre foi assim, nunca foi diferente. Monlevade era distrito de Rio Piracicaba. E aí, o que aconteceu depois disso? A empresa foi demitindo todos os trabalhadores estáveis que tinham segurança pra militar no sindicato. O que ela fazia? À noite ela punha... Mandava os veículos dela levar, invadiram as casas dos trabalhadores, depredaram, fizeram absurdos lá em Monlevade. Essa é a mentalidade das empresas no Brasil ontem e hoje. Esses trabalhadores então eram conduzidos à cidade de Rio Pena, a uma comarca, e lá era juiz um homem chamado Murilo Furtado, e o juiz de direito homologou todas essas rescisões ilegais. O que aconteceu daí pra frente...

JOÃO PAULO: Essa história, talvez eu seja... Se tiver alguém mais do que eu, é difícil pra dizer o que aconteceu com a estabilidade do emprego no Brasil. Dado o Golpe, um general americano, que era adido militar, se eu não me engano, Vernon Walters, a mando dos americanos, mandou pro governo militar golpista, que o golpe tinha consolidado... Isso aí em torno de 1965. Isso eu tô contando uma história local, mas isso é o que aconteceu no Brasil todo. No Brasil todo com os trabalhadores brasileiros. Então esse general preparou um texto e entregou pro governo brasileiro, um documento que posteriormente veio a ser chamado Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Aí precisa saber garantia pra quem, não? E vieram aqui pra Belo Horizonte elementos do governo federal, talvez porque técnicos aqui iriam contribuir pra essa desgraça do Fundo de Garantia de Tempo de Serviço, Roberto Campos, que eu me lembro de dois nomes que eram os principais que vieram de Brasília, e Luiz Gonzaga do Nascimento Silva. Eles vieram aqui pra Belo Horizonte, ficaram numa fazenda aqui perto, que era de um industrial, se não me engano, da tecelagem, e ali escreveram o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Passou pela revisão dos americanos e foi pra ser aprovado em 1966 pelo governo militar. Aprovado o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, os sindicatos praticamente se esvaziaram, com a possibilidade da dispensa sem justa causa, que isso é coisa que só é possível em um país onde o empresariado, principalmente os norte-americanos, dominam tudo, porque em um país descende isso definitivamente não aconteceria. E daí pra frente, quem... É como aconteceu comigo, né? Quem se filiava ao sindicato, a empresa... Não me demitiram,

porque estavam no momento precisando de mim, e era um momento em que ainda o sindicato dava resposta a muitas coisas. Quando eles, em 1964, fizeram aquela rescisão de contrato lá, a usina chegou a parar. Parou, mas a repressão foi muito grande, e os trabalhadores voltaram ao trabalho. Daí pra frente o sindicato, o de Belo Horizonte, foi feita a intervenção... Os principais sindicatos do Brasil, as unidades sindicarias no Brasil, sofreram a intervenção em 1964. Daí pra frente, o movimento operário demorou muito a se reabilitar. E em 1969... Não, 67 ainda há algumas eleições em sindicatos, ainda sob muita repressão, em 69 mais ainda, e na década de 70 começou a haver uma mobilização maior dos sindicatos. E eu estava lá em Monlevade, e eu reunia sempre com os companheiros, porque essa fase e essa trajetória da economia brasileira é uma coisa que não é estudada, né? Por exemplo, eu trabalhava numa empresa siderúrgica que tinha 5.000 empregados, produzia 500.000 toneladas de aço. Hoje, ela produz 1 milhão e 200 mil toneladas de aço e tem 900 empregados. Então, essas grandes empresas multinacionais eram assim, um absurdo a rentabilidade dessas empresas. Houve tempo nessa época, e houve ano, em que a rentabilidade, o lucro líquido da empresa era maior que o capital dela, então era um absurdo isso, a exploração do trabalho no Brasil é um negócio inconcebível. E a partir de então, os sindicatos começaram a se mobilizar mais, na década de 70, eu fui chamado pra ser presidente dos sindicatos de lá. Eu sempre participava, mas eu nunca tinha pensado em ocupar a presidência de um sindicato, mas então eu, os companheiros, nós organizamos uma chapa e havia uma outra chapa também organizada... Bom, eram 6 chapas que concorreriam à eleição no sindicato. Acabei, por decisão, unindo duas chapas que tinham companheiros muito bons, e pra compor a diretoria, então muita gente ia ficar, as duas chapas não iam poder integrar a direção do sindicato. E eu acabei saindo como o presidente dessa chapa que foi objeto de fusão de duas outras. Começamos o trabalho... Ah! Essa chapa era denominada lá, pelos companheiros, a chapa de Contramestres, que eram pessoas mais qualificadas dentro da empresa. E nós então começamos a fazer um trabalho não só em Monlevade, mas de integração de movimento sindical. Em nível estadual, em nível nacional. Nessa época, nós começamos a fazer entendimento com os sindicatos do Rio, sindicatos de São Paulo, sindicatos do Sul do Brasil, e começou um movimento nacional bem significativo. E a ideia de criar uma central sindical surgiu nessa época. Tinha participação do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, na época o presidente lá era um indivíduo chamado Paulo Vidal. Fomos lá várias vezes, nos reunimos, e em

75 o Lula já surgiu no movimento sindical. Pouco depois, quando o movimento sindical já tinha uma expressão maior e tinha um significado mais importante na mobilização dos trabalhadores brasileiros, e os problemas que existiam nas empresas, não é? O setor siderúrgico era um setor muito, muito forte. Então nós fomos destacando as principais questões do movimento operário naquela época. Tentávamos num contrato de trabalho dar maior garantia aos companheiros nossos, isso era muito difícil. Os empresários não discutiam isso definitivamente, questão de horário de trabalho... Hoje já tá se vendo aí, ele estão querendo voltar à época pré Getúlio Vargas. Você veja bem, empresas que funcionam no trabalho ininterrupto, em turnos de trabalho... Houve época em que o trabalhador, nesse sistema da indústria, não tinha nem folga. Eram turnos de 12 horas, depois isso foi mudando. E eu não me lembro bem a data, mas foi uma iniciativa da Companhia Siderúrgica Nacional, e os militares é que dirigiam lá, eles criaram um sistema de revezamento de turnos que era absolutamente ilegal. Era uma escala de revezamento de turnos que tinham quatro folgas de 32 horas, uma folga de 58, e a outra, se eu bem me lembro, de 114 horas. Isso era assim, a coisa mais absurda. Quando eu estava pra entrar no sindicato, os companheiros me procuraram e falaram assim: “ó, essa escala de revezamento, isso é um absurdo”, eu falei: “bom, eu não conheço isso, vocês tem que me explicar isso detalhadamente”. Aí eles me explicaram. Quer dizer, se tinha 4 folgas semanais de 32 horas, absolutamente ilegais, por quê? Porque a legislação manda, e manda até hoje, que depois de um dia de trabalho, o indivíduo só pode ser convocado pra retomar às suas atividades 11 horas depois, e no fim de semana o repouso semanal de 24 horas. Então somando isto, eram 35 horas, não podia ser 32. Diante disso, eu não conhecia a matéria, mas fui procurar na consolidação das leis do trabalho, tinha uma portaria que especificava como deveria ser o trabalho em revezamento de turnos e se... E quem foi... Essa portaria foi editada em 64 por um ministro do trabalho que era, se não me engano, Arnaldo Sussekind. Aí normalizava a jornada em turnos de trabalho, e estabelecia uma carga horária idêntica a de quem trabalhava de dia e nas 8 horas...

JOÃO PAULO: Aí você pode imaginar o que isso representou em apropriação, até esse movimento de exploração brutal do trabalho? Quer dizer, cada semana eles se apropriavam de 3 horas de trabalho do indivíduo. Isso era no Brasil inteirinho, não era só ali, era no Brasil inteiro. E nós então resolvemos pôr isto como prioridade nas nossas negociações com a empresa, e em coordenação com o movimento sindical, principalmente com o movimento sindical dos metalúrgicos. E levamos, entramos aqui

na Delegacia Regional do Trabalho com um documento em uma... É evidente que a tramitação administrativa no Ministério do Trabalho. Era advogado do Ministério do Trabalho uma pessoa que eu sempre me recordo, o nome dele foi muito importante nesse momento, Ildeu Leonardo Lopes. É irmão desse ganancioso Jair Leonardo Lopes, pai do advogado do... Esse que... Como é que chama? Esse que era o iniciador dessas corriolas todas aí do... Ah, eu não me lembro lá o nome dele. Então, o Ildeu Leonardo Lopes é que fez o relatório e remeteu pra Brasília, que ficava clara a ilegalidade desse trabalho no Brasil. Era ministro do trabalho do Médici, o ministro Júlio Barata. Eu resolvi pegar o assunto, fazer um relato e fui à Brasília pra conversar com o ministro do trabalho Júlio Barata. Estava marcado pra me receber às 14h00min e lá eu sentei e fiquei aguardando. Tinham várias pessoas lá, ele atendeu todo mundo, às 19h00min ele ficou em pé, assim, na porta do gabinete dele e falou assim: “o que é que o senhor deseja?” Eu falei: “ministro, o que eu desejo eu não posso falar num segundo como o senhor está querendo me atender”, aí ele: “o senhor é arrogante!”, eu falei: “arrogante não, senhor! Eu estou aqui desde as 2 horas. O assunto que eu vou tratar com o senhor é um assunto de interesse nacional, e é uma exploração brutal do trabalho no Brasil”. Aí ele me atendeu, eu sentei lá dentro, e ele começou a falar sobre o DIEESE: Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Socioeconômico, fundado por nós em 1954, de renome internacional. Eu falei: “não, não é órgão subversivo, não”. Aí ele falou: “o quê que o senhor tá desejando realmente”, eu falei: “é isso aqui, ó... São as ilegalidades que massacraram os operários brasileiros no Brasil, essa escala de revezamento”. Ele falou assim: “não, eu não vou mexer com isso, não”. Eu falei “ah! Dê no que der, vou voltar”. Mas continuamos insistindo e insistindo com isso nas negociações com a empresa. Em 1967, isso pra que as pessoas tenham ideia do que as empresas são capazes, não é? Foi ministro do trabalho Arnaldo Prieto, novamente eu bati às portas do gabinete dele. Ele era do Rio Grande do Sul. Ele me recebeu muito bem e apresentei pra ele a cópia do documento do Doutor Ildeu Leonardo Lopes, e falei de todas as mazelas que nos massacravam. Ele então mandou escrever uma carta para a empresa determinando que ela mudasse a escala de revezamento e aplicasse a da portaria 117, feita por um homem que, era um homem dos empresários, Arnaldo Sussekind. Mandou a carta pra empresa em 77, e a empresa simplesmente desconheceu. Essa carta eu distribuí cópia pros principais sindicatos brasileiros. Nessas alturas, o Lula já era presidente do sindicato de São Bernardo do Campo, e nós já tínhamos começado uma integração do movimento

sindical, vários dirigentes, sindicatos de vários estados e que se reuniu no DIEESE, lá em São Paulo. Daí começou uma expansão dessa integração dos sindicatos. Em 77 nós fomos negociar com a empresa e falamos “ó, escala de revezamento, nós não vamos mexer com isso”. Setenta e oito... O sindicato, nessas alturas, ele já tinha, assim, uma organização bem sólida dentro das empresas lá, principalmente dentro da Belgo-Mineira. Nós vínhamos, ao longo do tempo, o que não se fazia antes... Todos os problemas surgidos no local de trabalho eram levados ao sindicato, tudo que o sindicato recebia era comunicado para as empresas, mas a principal mesmo era a Belgo-Mineira, né? É. Tudo por escrito. E chegando a negociação de 78 e também esperávamos contar com a colaboração dos outros sindicatos no mesmo sentido, de mudar essa escandalosa escala de horário de trabalho, nós então fizemos uma assembleia... As assembleias lá passaram a ser muito concorridas, porque o sindicato, nessa época, ele era a instituição que realmente atendia todos os trabalhos da região, e não era só questão sindical, não, tudo que era de interesse da população esbarrava no sindicato. Era uma entidade que tinha, assim, uma penetração muito grande lá. Então nós chegamos, fizemos uma assembleia, e os trabalhadores, propusemos a eles, que nós íamos fazer a última tentativa de uma negociação com a Belgo, para que a escala de revezamento fosse mudada. Mas... E caso a empresa não atendesse, aí nós resolveríamos e paralisaríamos a empresa. A empresa não atendeu, foi marcada a data e nesse dia, às 15h00min, é que ia paralisar a empresa. A justiça do trabalho... Eles falaram: “a justiça do trabalho é paternalista”. Já pode fazer uma interrupção pra dizer de uma coisa que nesse instante ocorreu no Brasil. Eu assisti um debate do Patrus Ananias, deputado federal, com um deputado do PSDB recentemente. Isso deve ter, se tiver muito uns 20 dias, na TV Câmara. Ele discutindo com o deputado do PSDB, com um procurador do trabalho e um representante empresarial, que eu não me lembro de quem que ele representava. E discutindo a questão do trabalho no Brasil. E esse deputado do PSDB fala assim: “Não! Esta justiça do trabalho é um escândalo! Então são 90 mil ações na Justiça do Trabalho pra serem julgadas?”. Infelizmente, a resposta correta não foi dada pra ele, porque, o Patrus respondeu muito bem mas, ele devia ter dito pra ele falar: “São 90 mil ações? 90 mil ilegalidades cometidas contra os trabalhadores brasileiros! É porque o empresário não respeita a lei. E agora ele vem dizer que essa legislação é ultrapassada? E quer eliminar de vez qualquer direito dos trabalhadores!” Pra isso que tá esse movimento aí, contra a legislação trabalhista, e contra a Previdência Social. A Previdência Social,

nesse interregno aqui, segundo a Maria Lúcia Fatorelli, não sei se vocês conhecem, né? E outros entendidos, que dizem o seguinte: a Previdência é superavitária! Ela não é deficitária e, ainda mais, que, isso quem me deu esse número foi um advogado especializado em previdência social do Rio Grande do Sul, chama-se Portanova, o primeiro nome... Daisson Portanova, ele disse que se calcular corretamente, a dívida do Estado para com a Previdência Social chega-se a um valor maior do que 300 trilhões de reais! É um absurdo que se diz. Eles querem eliminar a Previdência Social pra favorecer os planos de aposentadoria das multinacionais que tão aí de olho nesse setor brasileiro. E quem é que vai ter garantia de que ele contrata uma aposentadoria dele com uma instituição privada, que realmente ele vai ter essa aposentadoria depois? Na hora que tiver bastante gente aposentando, uma instituição dessa fali fraudulentamente e leva tudo dos trabalhadores embora. Então não se pode acreditar em plano de aposentadoria, previdência privada. Não tem a segurança que devia ter. Então, diante disso, em 78 nós então deflagramos a greve e as empresas, a empresa foi obrigada a mudar a escala de revezamento e adotar uma que foi da preferência nossa, que era uma escala...

JOÃO PAULO: Um cara chamado Francesa, que tinha folgas segundo aquelas que eram previstas na portaria 117 do ministério, da legislação trabalhista, criada pelo advogado patronal Arnaldo Sussekind. Aí a empresa, ela não podia dizer como acontecia com a justiça trabalhista, que eu ia dizer que já, que a justiça trabalhista ela não é paternalista, ela é paternalista, que eles falam que ela é paternalista, quando um empresário descumpra a lei e fere um interesse individual. Aí ela resolve, decide pra eliminar a ilegalidade que os empresários praticam. Mas quando se trata de uma ação de grande vulto, as questões coletivas em grande vulto, ou então ações que implicam em importâncias grandes de dinheiro, ela nunca decide de acordo com os direitos dos trabalhadores. Não decide. Então nós apresentamos isso, fez essa escala, depois isso... Consolidada essa escala em Monlevade e foram... Esse movimento se expandiu, e lá no Vale do Aço, Timóteo, teve greve na Mannesmann, teve greve em tudo, todo lugar, porque as empresas nunca cumprem corretamente o que a lei determina. Então, é o que eu queria dizer, é que eles querem inclusive acabar com a Justiça do Trabalho. Em suma, nós vamos falar assim, nós desconhecemos a história desse país. Como eu disse a vocês, o Golpe de 74, tá? Minuciosamente relatado, não é blábláblá, não é conversa, não. Tudo com documentos, nomes, como foi, inclusive uma questão seríssima que o brasileiro desconhece. Esse livro de René Armand

Dreifuss, se chama “1964, A Conquista do Estado”, destaca que em 1964 tinham tropas americanas, navios, porta-aviões e milhares e milhares de soldados, desde lá do Norte do Brasil até o Rio Grande do Sul. Se os militares encontrassem resistência ao Golpe aqui no Brasil, os Estados Unidos iam entrar aqui. E está comprovado no livro de René Armand Dreifuss. A intromissão dos Estados Unidos no Brasil é constante e permanente, em duas ocasiões que eles perderam o poder de repressão sobre a classe trabalhadora foi 1964, que deram o golpe, que tá descrito nesse livro do René Armand Dreifuss. E agora, agora... Eu não tô defendendo partido nenhum, não vou falar do momento brasileiro, porque o partido que teve no governo foi o PT. Não é por isso. Na verdade, o Brasil nos últimos 13 ou 14 anos, descolou-se dos Estados Unidos. O Brasil negou-se a fazer acordos bilaterais com os Estados Unidos, principalmente de tecnologia, porque os Estados Unidos tem uma lei no congresso deles que proíbe de ceder tecnologia pra outros países, então os outros países sempre tem que comprar tecnologia deles. E o Brasil decidiu outros caminhos. O submarino atômico, tecnologia dos russos, dos franceses e inclusive também com Alemanha, os outros submarinos e navios, os franceses, tecnologia dos franceses que nos cediam tecnologia. O beneficiamento de urânio, os Estados Unidos queriam entrar nos segredos, nas técnicas do beneficiamento do urânio brasileiro, o Brasil negou. Aviões, Suécia. Então eles queriam, os Estados Unidos queriam implantar uma base de lançamento de mísseis na ilha de Alcântara, lá no Maranhão, o Brasil negou, não aceitou. E o mais importante nesse momento, foi que os comandantes das três forças armadas fizeram o Plano de Desenvolvimento Soberano do Brasil, pouca gente sabe disso. Mas esses projetos foram aprovados no Congresso Nacional, 2005, 2007 e 2008, e o Brasil passou a fazer acordos multilaterais, e com os países da África, da Europa e tudo, e de fora os Estados Unidos. E o que veio a acontecer agora, começou a ser tramado contra o Brasil, e quem pode narrar isso e narrou, e falou dessas questões todas, e que o Brasil inclusive denunciou os Estados Unidos na ONU por causa da espionagem, é um autor que ele é especialista em relação Brasil x Estados Unidos. Ele chama-se Luiz Alberto Moniz Bandeira. Ele tem vários livros escritos sobre isso. E essa questão do Brasil interferir nos outros países, e aqui no Brasil, vem desde lá de trás, desde o império. Aí, se eu não me engano, nos anos entre de 1849 e 1854, o império chegou a declarar guerra aos Estados Unidos, porque eles queriam invadir o Amazonas. Com esse descolamento do Brasil, o Brasil tem uma importância vital, não pros Estados Unidos, porque o Brasil é um país riquíssimo. 98% do nióbio do mundo

está aqui em Minas Gerais, e o Brasil, infelizmente, essas jazidas no Triângulo Mineiro eram propriedade daquela família Moreira Salles, que cedeu esse... O nióbio para os ingleses, e os ingleses é que exploram o nióbio e não se faz liga de aço de alta qualidade sem o nióbio. O Brasil não devia exportar nenhuma grama desse nióbio, o Brasil devia criar indústrias siderúrgicas de tal forma que ele ia exportar o aço produzido para outros países. Mas os ingleses se apropriaram do nióbio brasileiro como tudo nosso. Então neste momento, devido a essas questões todas, o Moniz Bandeira diz que o golpe atual foi dado contra os militares brasileiros, que fizeram o Projeto de Desenvolvimento Soberano do Brasil, e que para preparar o cenário para esse golpe, os Estados Unidos tiraram o embaixador deles aqui, que era... Chama-se Thomas A. Shannon Jr. e trouxeram para cá uma embaixatriz chamada Lílíana Ayalde, especializada em golpes de estado. E ela veio aqui pro Brasil com uma equipe grande de técnicos e começou essa campanha violenta contra o governo. Derrubaram a Dilma e puseram... E veio a questão da corrupção, segundo os que conhecem profundamente essa matéria, o juiz Sérgio Moro foi preparado nos Estados Unidos para fazer o que fez. Não é contra a corrupção, não, era para demolir as forças sociais e um governo que não estava aderindo aos norte-americanos. Essa Lílíana Ayalde preparou essa campanha, o Sérgio Moro foi treinado lá, o Rodrigo Janot foi treinado lá. O Rodrigo Janot, inclusive, reuniu os procuradores brasileiros... Foi por um evento nos Estados Unidos, tudo pago pelos Estados Unidos. Teve um congresso, uma conferência no Rio de Janeiro em 2009, e o juiz Sérgio Moro foi apresentado e falou como instrutor do departamento de Estado norte-americano. Então, toda essa canalhice que nós estamos vendo hoje é um golpe dado, segundo o Moniz Bandeira, contra os militares brasileiros, contra os interesses brasileiros, estão aí agora a demolir Previdência Social, demolir direitos dos trabalhadores, e passar a mão em toda a riqueza brasileira, e veja-se... A UDN era o partido entreguista no passado. O partido entreguista hoje chama-se PSDB, ele cumpre o mesmo papel que a UDN cumpriu no passado. Estão aí vendendo, fatiando a Petrobrás, e vendendo para concorrentes internacionais nossos. Isso é apropriar de tudo o que é nosso, então mais uma vez, segundo o Moniz Bandeira, um golpe contra os militares brasileiros, para se apropriar de tudo o que é nosso. Eu acho que já falei muito, agora eu tô à disposição do que vocês quiserem perguntar.

JOSÉ: Então, senhor João Paulo Pires, já passando então, vamos passar a palavra pro Ronald, para ele fazer as questões e o senhor responder, né?

RONALD ROCHA: João Paulo, em que ano você nasceu e quando começou a participar, em que ano começou a participar do movimento sindical?

JOÃO PAULO: Eu? Eu comecei a participar quando eu tava trabalhando na companhia de seguros...

JOÃO PAULO: Mercantil, que era, o escritório dela era na rua Curitiba com Carijós, eu acho, era por ali. Era a um quarteirão do Sindicato Dos Bancários, e o securitário na época era filiado ao Sindicato dos Bancários.

RONALD ROCHA: E isso foi em que ano? Mais ou menos...

JOÃO PAULO: Ah! Deve ter sido aí... Eu tava com 15 pra 16 anos, que eu fui trabalhar pra essa companhia de seguros. Eu trabalhava de dia e estudava de noite, e nessa época quem liderava os bancários em Belo Horizonte era o Armando Ziller, uma grande figura, que, como eu disse antes, ele estava em Praga quando estourou o Golpe de 64 e ele não pôde voltar. Ele só pode voltar quando veio a anistia e voltou ao Brasil em 1980.

RONALD ROCHA: Então vamos tentar aproximar as datas. Com 15, 16 anos... Então isso devia ser em que ano mais ou menos?

JOÃO PAULO: Se foi com 16, então era 48.

RONALD ROCHA: 48, 49... Por aí...

JOÃO PAULO: É, por aí.

RONALD ROCHA: E você conheceu uma pessoa chamada Paulo Duran?

JOÃO PAULO: Não. Conheci de nome. O nome dele... Porque nessa época a gente, as entidades sindicais não estavam tão... Com uma integração tão grande como depois veio a acontecer. Mas eu o conheci de nome, mas pessoalmente não conheci

RONALD ROCHA: E ele participava de alguma coisa assim?

JOÃO PAULO: Participava, porque o nome dele surgia em decorrência desse movimento nosso. Quem deve ter conhecido ele bem deve ter sido o Ênio Seabra, que era o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos daqui, que foi um presidente de sindicato muito bom, né?

RONALD ROCHA: Em 64, por ocasião do Golpe Militar, a CGT chamou uma greve geral, que afinal não conseguiu uma adesão suficientemente forte para deter o Golpe.

JOÃO PAULO: É, e lá estava o nosso companheiro Clodesmidt Riani.

RONALD ROCHA: O Riani? Fazendo esforço de memória, em 64, como esse chamamento de greve geral foi recebido pelo governo sindical em Minas? Alguma categoria tentou se mobilizar, chegou a fazer greve? Ou não?

JOÃO PAULO: Olha, os metalúrgicos se mobilizaram, que eu me lembro, os daqui... São Paulo houve mobilização, no Rio houve mobilização. No Rio ainda tinha um movimento, não só sindical, mas social muito forte. Depois transferiu pra Brasília, isso mudou muito, mas houve mobilização dos sindicatos.

RONALD ROCHA: Parar? Alguma categoria chegou a parar?

JOÃO PAULO: Pararam, várias. A Mennesmann mesmo, pelo que eu me lembro teve uma paralisação aqui.

RONALD ROCHA: No Morro Velho, a mina também parou...

JOÃO PAULO: Ah! A mina do Morro Velho, mina do Morro Velho. É, a mina do Morro Velho teve, assim, pessoas de expressão como o Dazinho, não é? O Dazinho foi uma liderança muito forte lá, e a mina de Morro Velho é um terror, né? Eles não têm o menor cuidado com a vida do trabalhador. Essa mina do Morro Velho, ao longo do tempo, ela produziu mais de 15.000 silicóticos. As pessoas começavam a trabalhar jovens lá, chegavam aos 15, 14, 10 anos de trabalho e já estavam com os silicose, com os pulmões entupidos, né? Então é um negócio gravíssimo e por esse aspecto, você vê assim que a saúde do trabalhador sempre foi problema secundário.

RONALD ROCHA: Nós recolhemos algumas informações por depoimentos, segundo as quais foi aberto um inquérito arrolando trabalhadores em 1964, na mina de Morro Velho, abarcando os municípios de Nova Lima e Raposos. Pelas informações, falou-se em 300 pessoas atingidas de uma forma ou de outra pela repressão, seja presos, sejam chamados pra depor, sejam, enfim, postos sobre vigilância, enfim... Essa informação, esse número em geral, pela sua memória, procede?

JOÃO PAULO: Olha, eu não sei te quantificar isso, mas a mobilização aqui na mina do Morro Velho era forte e o Dazinho era um homem que participava fortemente disso. O Dazinho foi uma das vítimas de silicose, né? E os trabalhadores ali se mobilizavam, se mobilizavam. Quem surgiu nessa época como uma pessoa de expressão dentro do movimento foi o Dazinho, né?

RONALD ROCHA: Outras categorias se mobilizaram durante o Regime Militar aqui em Minas? E que categorias houve greves, paralisações?

JOÃO PAULO: Olha, que eu me lembro, tecelões, metalúrgicos, bancários... 64 teve movimento, mas não me lembro se houve greve, mas eu acho que houve. Eu tenho, assim... Que os bancários estavam bem mobilizados, inclusive tinha um companheiro nosso que tem, tá aí hoje ainda, tá vivo, Antônio Faria Lopes, que participou do movimento dos bancários.

RONALD ROCHA: Agora, me refiro mais assim, depois de 64 até 88, houve vários movimentos de grevista, né?

JOÃO PAULO: Houve, houve, mas de pouca... É porque, o que acontecia, e que acontece hoje ainda? Em greves dessa natureza, em setores, assim, de peso expressivo na economia, a Justiça do Trabalho, que os empregadores acusam de... Tem encaminhado 90 mil ações trabalhistas, né? Elas tomavam e, até bem pouco tempo, eles faziam assim e fazem assim... No caso nosso eles não tiveram condição de fazer. Os juízes, às vezes, são tirados de casa à noite e vão pro tribunal, mesmo no fim de semana, e despacham o que eles chamam de interdito proibitório, ameaçando os trabalhadores, inclusive aplicando multas abusivas contra o sindicato, caso eles não tenham... Eles não respeitem o chamado do interdito proibitório. Pra nós, lá em Monlevade, saiu isso, uma empresa norte-americana lá que os trabalhadores fizeram greve, isso deve ter sido aí... Olha, eu acho que já tinham passado desse século, no início desse século... Interdito proibitório, e multa e já sai um indivíduo aqui pra levar esse documento para a direção do sindicato à noite, conduzidos em carro de empresa. Isso aconteceu uma vez conosco em Monlevade, quando uma empresa que faz o beneficiamento de escória da Belgo paralisou. Eles foram bater na casa de dirigente sindical, dirigente sindical felizmente não atendeu, meia-noite. Saía daqui um carro da empresa acompanhado de gente da empresa e o indivíduo da justiça que vai lá fazer a entrega do interdito.

RONALD ROCHA: E em que ano foi isso?

JOÃO PAULO: Olha, eu tenho a impressão que no início desse século ocorreu isso em Monlevade. Uma empresa chama Submetal, é uma empresa de capital norte-americano e que ela faz todo o beneficiamento da escória de fornos dessas siderúrgicas todas.

RONALD ROCHA: Você se lembra, lá em Monlevade, quantas greves existiram? De 1964 até 88?

JOÃO PAULO: Olha, eu me lembro, antes de 64, várias, várias... Depois de 64...

RONALD ROCHA: Várias, assim, numericamente, aproximadamente...

JOÃO PAULO: É...

RONALD ROCHA: Uma dezena?

JOÃO PAULO: É. Você vê, a Belgo era uma empresa que nessa época aí, por volta de 60, década de 60, ela devia ter uns 5 mil trabalhadores, produzia 500 mil toneladas de aço. Hoje ela tem 900 trabalhadores efetivos e mais uns 200 terceirizados, e

produz 1 milhão e 200 mil toneladas de aço. Pra você ver o que é que significa uma rentabilidade de uma empresa dessa, e o que tão fazendo com o trabalhador brasileiro. Uma empresa dessa, hoje, ela não gasta 2% do faturamento dela com pagamento da mão de obra. E eu me lembro de um fato importante, vou citar aqui, porque os direitos sociais da constituição de 88 foram redigidos pelos sindicatos, porque os sindicatos haviam criado um órgão muito importante do movimento sindical, existente até hoje, presta muito serviço, chama-se DIAP, Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar. Quem nos ajudou a criar essa instituição é um advogado que tá lá em Brasília, é uma figura muito boa, é o maior escritório de advocacia trabalhista que já existia no Rio de Janeiro...

JOÃO PAULO: Quando a capital foi transferida pra Brasília, ele foi pra lá, chama-se Ulisses Riedel de Resende, e esse, o DIAP funciona hoje numa área, num edifício que é dele, lá em Brasília. E o Ulisses Riedel criou o DIAP, nós escrevemos os direitos sociais, no dia primeiro de janeiro de 87 fizemos a entrega desse texto ao Ulisses Guimarães, e foi o que ficou consolidado na Constituição de 88. E eu me lembro nessa época, o homem que fazia o lobby dos empresários lá em Brasília, era Jorge Johannpeter Gerdau, e como essa questão, inclusive um dos dispositivos dos direitos sociais da Constituição, é a questão dos turnos ininterruptos de revezamento, que é um negócio importantíssimo, não é? E o Gerdau, eu participava, embora eu não fosse líder do PT, mas eu não deixava de participar das reuniões, das lideranças porque eram decisivas no que ia pra votação, para o plenário. Então participei, e uma noite eu estava em meu gabinete quando o Antônio Brito, que era porta-voz do Tancredo, um indivíduo de má-fé, me chamou, falou assim “Ó João Paulo, você pode dar um pulo aqui no meu gabinete?” Eu falei “Lógico. Posso... Tô indo aí”. E fui. Cheguei lá, ele estava com o Jorge Gerdau Johannpeter no gabinete dele. Então o Gerdau, como ele tem as usinas e que todas têm o trabalho ininterrupto, eu cheguei... Na Constituição tinha constado lá, turnos ininterruptos de revezamento de 6 horas, salvo negociação coletiva. Nisso introduziram a lei que foi um problema. Então, ele queria que eu ajudasse a mudar aquilo, eu falei: “Oh, doutor... Que... Absolutamente... Absolutamente, não tem mudança, não”. Ele virou-se pra mim e falou assim: “Pois então se isso passar, eu não cumpro!”. Você vê a arrogância desses homens, e não cumpriu! Porque esse turno de revezamento de 6 horas era aplicado na França, e não sei se ainda tem até hoje lá, mas era dos franceses que nós copiamos isso. E pra você ver como, o exemplo, assim, patente do maior siderurgista brasileiro, hoje um dos

grandes do mundo, diz acintosamente que não cumpriria a Constituição Federal. E a verdade é essa, os empresários atropelam a lei, não cumprem a lei, e aquilo que são conquistas nossas eles usam de todos os recursos para demolir direito da classe trabalhadora. Então aí, nada mais demonstrativo do que esse momento brasileiro que nós estamos vivendo, né? E é preciso... As pessoas não sabem que isso foi um Golpe de Estado. Por quê? Porque quem noticia? A imprensa vendida, né? Então pra tomar conhecimento dessas questões de fundo é preciso que se busque canais legítimos, não são esses da imprensa brasileira, né?

RONALD ROCHA: Desculpe por insistir um pouco... Essas, as greves em Monlevade, nas empresas, eram greves com uma frequência, digamos, anual, bianual...

JOÃO PAULO: Essa... Antes de 64 eram mais frequentes, eram mais frequentes, porque sempre, e ainda hoje, os empresários buscam eliminar direito dos trabalhadores e ter absoluto domínio, e são assim, pra negociar com os sindicatos é preciso que o sindicato tenha estatura pra enfrentar a empresa, porque eles não sedem absolutamente nada. Então as greves antes de 64 eram frequentes, os abusos dos empresários eram permanentes. Você vê, esses negócios de horários de trabalho, os caras estão querendo mudar agora! Tão querendo estabelecer jornadas ao critério deles! Não querem que o trabalhador tenha nenhuma garantia, e que fique sob o julgo deles pra eles mandarem o que quiserem, a hora que quiserem! Esse é um grande problema que nós estamos vivendo no momento. Mas as greves eram numerosas. Depois de 64, poucas, poucas, porque a repressão era muita, não se sabe inclusive, que tem muitos companheiros nossos desaparecidos, né? Ninguém sabe qual foi o destino deles. Fomos informados que muitos companheiros nossos que não constam nem o nome aí entre os atingidos e desaparecidos, eram levados aqui pra base aérea aqui de Lagoa Santa e de lá, eles embarcavam e jogavam dentro do mar, e não só daqui, pegavam gente do Espírito Santo, Rio de Janeiro, e jogavam... desaparecidos que podem muito bem ter sido lançado em alto mar.

RONALD ROCHA: No caso da repressão, lá em Monlevade, há indícios confirmados ou não de assassinatos de sindicalistas?

JOÃO PAULO: Não. Em Monlevade, nenhum foi assassinado. Não teve casos de assassinato em Monlevade, não. Mas fora de Monlevade, muitos desaparecimentos. Torturados a gente sabe quantos foram, não é? Quando foram...

RONALD ROCHA: E prisões?

JOÃO PAULO: Ah! Prisão, muitas.

RONALD ROCHA: No Golpe de 64 houve muitas prisões?

JOÃO PAULO: No Golpe de 64 eles fizeram terror lá em Monlevade. A polícia invadia a casa dos companheiros, depredavam, prendiam, soltavam, tornavam a prender, e foi assim, um horror. Infelizmente, os sindicatos depois disso, não só em Monlevade lá, se sentiram, assim, temerosos e de defender os trabalhadores, né? Ficamos sem, praticamente o sindicatos se esvaziaram. Por isso é que ao longo do tempo os sindicatos perderam muito do prestígio, né? O discreto dos sindicatos.

RONALD ROCHA: E é possível quantificar o número de pessoas atingidas, de uma forma ou de outra, lá em Monlevade?

JOÃO PAULO: Lá em Monlevade...

RONALD ROCHA: Mesmo que seja em geral...

JOÃO PAULO: Então, você veja bem, aí vem a história. Quando eu me candidatei ao sindicato, os companheiros que foram vítimas do Golpe de 64, e vítimas da empresa, né? Porque foram mais ou menos, em Monlevade, uns 250. Estáveis, sumariamente demitidos da empresa, com ajuda de um juiz de direito da comarca lá em Rio Piracicaba, chamado Murilo Furtado, e que ficaram na miséria, e quando eu me candidatei a presidente do sindicato eles me procuraram. Eles falaram que nunca tinham tido apoio do sindicato, em 67 foi eleito um companheiro nosso, que era um companheiro muito bom, mas que não teve a ousadia de defender esses companheiros, ficou com medo, era muito reprimido e ele não conseguiu nem chegar até o final do mandato, com dois anos foi eleita uma outra diretoria, e essa outra diretoria era uma diretoria muito corrupta. E assim, até 1972, quando nós fizemos essa chapa, eles não tinham nenhum amparo do sindicato. E eles foram defendidos por dois advogados aqui de Belo Horizonte, Sebastião Fratezi e Obregon Gonçalves, no fórum de Rio Piracicaba. E eles cometeram, não vou dizer erro, porque ao invés de eles requererem a reintegração dos trabalhadores, porque o que cabia era reintegração, trabalhadores estáveis sumariamente demitidos, sem dúvida direito líquido e certo de reintegração. Não requereram... Requereram indenização. Por quê? Porque o resultado da ação dava um percentual pra eles, muito bom, não é? Não defenderam esses trabalhadores. Quando eu assumi a diretoria do sindicato, eu assumi a defesa deles. Era o juiz lá em Rio Piracicaba, e o processo tinha voltado pra lá. Era juiz lá em Rio Piracicaba, onde seria a execução da sentença, é um juiz muito sério, muito bom, chamado Fábio Silva, que deu, fez, deu uma sentença muito boa, inclusive disse assim, eu me lembro das palavras até hoje, que ex-trabalhadores

tinham sido vítimas de militares façanhudos, mas esse negócio subiu até ao TST, o TST sempre foi um tribunal dominado pelo poder econômico, gente indicada, sempre, pelos empresários. Eu me lembro, em 1975, teve um juiz que tá ai no Supremo Tribunal, Marcos Aurélio de Mello. Em 1975 eles deixaram uma vaga no Tribunal Superior do Trabalho, durante um ano para o...

JOÃO PAULO: Marcos Aurélio, lá do Rio de Janeiro, completar 35 anos pra ser indicado a ministro do Tribunal Superior do Trabalho. Um inimigo figadal da gente, e a ação desses companheiros chegou lá, eles decidiram e deram pra eles uma indenização vergonhosa. Quer dizer, esses trabalhadores morreram à míngua em Monlevade, morreram à míngua em Monlevade, com suas famílias sofrendo horrivelmente. A Belgo-Mineira massacrou essas famílias, sabe? Massacrou essas famílias, e eu me lembro, no Golpe, eles eram... Um chefe do RH lá, Ademar Soares de Oliveira, eles puseram os trabalhadores todos em fila, esses que foram cassados, em fila no chamado escritório social com metralhadora nas costas, e o trabalhador entrava lá e o preposto da empresa falava assim: “E agora? Cadê seu sindicato? Onde está seu sindicato? Assina aqui e some da cidade”. Faziam rescisão sumária desses estáveis, pra depois de mais de 10 anos eles chegarem no Tribunal Superior do Trabalho, que decide por uma indenização moral desses trabalhadores todos. É isso, isso era a empresa, e é a empresa brasileira, e hoje tá claro e evidente. Eles falam assim: “Não, a CLT, isso é coisa ultrapassada!”. Coisa ultrapassada? Eles não querem lei nenhuma! Eles querem ter o domínio absoluto sobre os trabalhadores e sobre seus sindicatos. E com essa, com o Fundo de Garantia? O Fundo de Garantia é o maior crime cometido contra os trabalhadores brasileiros, e em um fundo que virou um monumento de dinheiro e que serve a quem? Aos empresários, através do BNDES e tudo, é dinheiro pra beneficiar empresário. Esse foi o resultado do Golpe de 64.

RONALD ROCHA: O padrão dessas demissões, em geral era a empresa que demitia com qualquer alegação, ou forçavam os trabalhadores a solicitarem a demissão?

JOÃO PAULO: Não, na minha área pelo menos, eu não conheço nenhum trabalhador que por pressão solicitou, não. Era mesmo truculência da empresa, era truculência da empresa.

RONALD ROCHA: A decisão era unilateral mesmo?

JOÃO PAULO: Unilateral, e arbitrária e ilegal. E esse tribunal que, quando os trabalhadores faziam um movimento, despachava na calada da noite o interdito

proibitório. Se o trabalhador não interrompesse a greve, e como punição dos sindicatos tinham valores absurdos. Isso até hoje a justiça do trabalho faz isso, né?

RONALD ROCHA: Lembra de algum nome de juízes que deram interdito proibitório?

JOÃO PAULO: Aí... Todos desse tribunal. Luiz Felipe Vieira de Melo, que era da minha época, e esses juízes todos, inclusive um ai recente, Fachin, que tem o sobrenome Fachin, todos eles, a empresa fazia o juiz sair de casa em um sábado, abrir o tribunal, pra despachar uma imoralidade desse tipo. Então a situação é essa, em direito individual, em matéria de pequeno monte financeiro, o trabalhador ganha. Em matéria coletiva ou ações plúrimas de vulto elevado, nenhuma decisão contemplou os trabalhadores brasileiros. Se por acaso passava aqui, chegava na outra instância, eles derrubavam tudo.

RONALD ROCHA: Mais uma pergunta. Em 1963, o massacre de Ipatinga, como é que aquele evento repercutiu naquele período, naquele momento, no movimento sindical? Como a notícia chegou em Monlevade?

JOÃO PAULO: Chegou. Nós depois tivemos companheiros que vieram de lá pra cá, e aquilo ali foi comandado pela Usiminas, e de uma família que era do topo, que era da elite da direção dessas empresas. O de lá de Ipatinga, se eu não me engano, chamava-se Gil Guatimosim, e em Monlevade nós tivemos um engenheiro, irmão dele, ou primo, se não me falha a memória, chamava-se Amaro Lanare Guatimosim, que foi diretor, saiu, foi gerente em Monlevade, depois foi diretor da companhia siderúrgica Belgo-Mineira aqui em Belo Horizonte. Então, nessa época era, depois do Golpe de 64, era um terror. Um terror.

RONALD ROCHA: E mandatos parlamentares, qual a sua experiência? Quantos mandatos teve?

JOÃO PAULO: Olha, eu fui ao Congresso Nacional por uma decisão coletiva. Quando decidiram pela constituinte, o movimento sindical fez uma reunião lá numa sede da FETAEMG, dos trabalhadores da agricultura aqui, lá perto de Ipatinga. Nessa reunião foram mais ou menos uns 200 sindicatos, que era quando nós decidimos o quê que faríamos diante da Assembleia Nacional Constituinte. E eu não tinha filiação partidária, e nós nos reunimos lá pra discutir quem nós poderíamos apoiar e de quais partidos nós apoiaríamos. Pouco antes, nós tínhamos feito uma reunião em Monlevade de suma importância, E que os principais sindicatos do país nesse momento estavam lá. E eu me lembro, na véspera dessa reunião, quem apareceu lá na minha casa, e que eu conheci desde menino, porque o pai dele, o avô dele era vizinho da minha família,

e família tradicional de Belo Horizonte, o Frei Beto. O Frei Beto chegou a minha casa, quem tinha feito os convites pra essa reunião foi o nosso sindicato. Ele não tava convidado. Mas ele chegou lá e falou assim: “Eu queria participar”, eu falei: “Ô Beto, eu não posso te responder isso. Amanhã, lá na reunião, nós vamos dizer que você tá querendo participar”. Eu tenho pra mim que ele foi lá unicamente pra conhecer o Lula pessoalmente, e depois dessa reunião, nós... É o documento mais importante do movimento sindical até hoje. Então isso foi aprovado pelos sindicatos lá.

RONALD ROCHA: E o nome desse documento?

JOÃO PAULO: Hein?

RONALD ROCHA: Qual era o nome...

JOÃO PAULO: Isso eu não me lembro, eu tenho cópia dele, mas não me lembro do título dele. Nossa, foi mesmo importante esse documento. E uma das questões lá, nesse documento, é a questão dos sindicatos e do partido político. E essa questão do partido, o surgimento do PT, esvaziou muito o movimento sindical. O sindicato, ele não pode ter uma direção que toma posições partidárias, porque a sua base é pluralista, não pode haver isso, né? Então eu fui pra essa reunião lá embaixo, no Vale, levando esse documento. Quando eu cheguei lá eles falaram: “Não! você tem que participar”, eu falei assim: “olha só, tá aqui ó. Sindicatos principais tão aqui, escreveram um documento, e eu não quero sair do movimento sindical por partido político, eu não tenho filiação partidária”. Pois nessa reunião decidiram quais seriam os partidos a serem contemplados, e que eu deveria ser candidato à constituinte. Eu... Aquilo me tencionou muito, eu saí de lá me sentindo mal, sabe? E vim embora, e a decisão lá foi de que eu devia filiar ao PT. Diante disso é que eu fiz a filiação partidária. E olha, eu acho que eu não sofri mais durante a minha permanência do sindicato porque eu não tinha filiação partidária. Eles não podiam dizer que eu era comunista, como disseram antes do Golpe de 64. Todo mundo era comunista. E se você for usar uma expressão pra dizer “eu quero o partido comunista do Brasil”, antes de 64, que a igreja católica fazia campanhas terríveis e integrou o Golpe de 64 nessa história de comunismo, né? Você podia dizer que, em relação a população do Brasil, era como se os comunistas todos coubessem dentro de um ônibus, não tinha essa força. E isso também era negação da liberdade humana de ter a ideia que quisesse, né? Então, depois disso, eu fui candidato, não tinha dinheiro pra fazer campanha, não é? Nunca aceitei dinheiro de ninguém pra fazer campanha. Eu fiz campanha, mas nessa época, o meu sindicato

tinha muita projeção no Estado, não é? Eu fiz campanha, eu e minha mulher, andando de carro aí pelo interior pra...

JOÃO PAULO: Participando de comícios e essas coisas, e aí eu fui eleito com 38 mil e tantos votos, eu tive voto em 220 cidades do Estado, lugares que eu nunca tinha ido, então por isso é que eu fui esbarrar lá no Congresso Nacional. E depois disso, eu fiquei mais um mandato tentando ver se a gente regulamentava alguns direitos nossos, com essa perspectiva, e depois eu não quis me candidatar mais. Me neguei a candidatar, mas eu fui um dos fundadores do PT, e infelizmente a gente viu essa degradação aí de muitas pessoas em quem a gente confiava, que descambou pra corrupção e deram mote pra poder dar esse Golpe de Estado, não é?

RONALD ROCHA Você tem algum arquivo pessoal, documentos, textos sobre o movimento sindical? E também sobre eventos repressivos, processos, que poderiam ser, digamos assim, reproduzidos pela COVEMG?

JOÃO PAULO: Olha, muita coisa se escreveu sobre isso, não é? Mas eu escrevi muita coisa, documentos aí de sindicato, denúncias que nós fizemos... Olha, você veja bem, ultimamente, né? Eu fui assessorar a Federação dos Trabalhadores das Indústrias Extrativas do Estado de Minas Gerais. O setor extrativo mineral e vegetal, envolve uma categoria muito numerosa, né? Então, essa federação representa tanto o setor mineral como o setor vegetal, e principalmente as áreas de reflorestamento, né? Aí eu fui me embrenhar num setor extremamente escravizante. O setor mineral nem tanto, mas muito também, envolvendo inclusive a mina do Morro Velho, né? Envolvendo as grandes reflorestadoras, e aí você pega as grandes empresas todas. Gerdau, Belgo-Mineira, Mannesmann, Nestlé, o Eike Martins, grupo Votorantim... Olha, quando eu me embrenhei nisso, ocorreu o seguinte: eu fui convidado pelo Azeredo, pra ser, participar do governo dele. Eu então falei com ele, falei assim: "Olha, eu não... Eu acho que eu não vou ser bom participante do seu governo, não. Porque o seu secretariado todo vai ser gente que pensa muito diferente de mim, então eu acho que não é bom isso". E recusei, assim como recusei ser do Tancredo também, no governo estadual aí. Então ele depois me chamou, falou assim: "Não, então eu vou criar uma assessoria sindical aqui no meu governo pra você", aí eu disse: "Aí é uma matéria que eu vou pensar. Você me dá tempo e eu te faço uma proposta". Então eu saí de lá e procurei uma pessoa fantástica, chamava-se Maria de Lourdes Queiroz, ela tinha sido auditora fiscal do Ministério do Trabalho e fez concurso, e nesse momento ela era procuradora do trabalho. Eu fui lá, procurei a Lourdinha, e eu tinha participado

de várias fiscalizações com ela em áreas importantes, sabe? Como quando ela era auditora fiscal. Então eu a procurei e falei: “Olha Lourdinha, eu tô com essa proposta. Se você topa entrar nessa briga, nós vamos fazer uma proposta pro governador”, ela falou: “Vamos!”, então nós sentamos e redigimos uma proposta pra ele. Levei lá, ele falou assim: “Tá, tá. Aceito. Eu vou te nomear assessor sindical do governo”. Aí eu falei: “Mas você tem que me dar estrutura pra eu trabalhar” e ele cumpriu tudo. Aí nós começamos a fiscalizar a região do Vale do Jequitinhonha. Nossa, mãe do céu! O que nós encontramos. Um horror! Um horror! Os reflorestamentos todos feitos com trabalhadores dos gatos, você lembra dos chamados gatos? Dos gatos, que essas grandes empresas contratavam, e nós chegávamos, tava aquelas casinhas de pau a pique, telhado coberto com lona preta e trabalhando lá, mulher, o marido, os filhos, tudo enchendo e esvaziando os fornos de fabricação de carvão. Aí nós começamos um trabalho...

JOÃO PAULO: Que foi de suma importância. Mas nós ficamos um mês rodando o Vale do Jequitinhonha, e a Lourdinha começou a se sentir mal. E aí nós viemos pra Belo Horizonte, em um mês a Lourdinha morreu, teve leucemia e morreu. Entrou uma outra procuradora. Olha, o que nós flagramos de escravidão, de absurdo, pegando, você vê, o Gerdau tem uma área de reflorestamento que pega lá de Três Marias e vai até em Lassance lá no, perto de Pirapora, lá em cima, lá. A Kaft tinha quase 200 mil hectares de reflorestamento, e tudo trabalho dos gatos. Olha, a Mannesmann, o grupo Votorantim, na região lá de Paracatu... Ó, nós saneamos tudo. Foi uma outra procuradora chamada Maria de Lourdes Gouthier, muito boa também. Isso nós encerramos tudo. Esse tipo de trabalho acabou, eles faziam o seguinte, eles transportavam, isso daí até hoje, hein? Essa questão. A empresa busca o trabalhador na sua cidade, naquela época transporte era tudo caminhão. Não tinha ônibus, não. Era transportada em caminhão, tinha acidente, morria gente, sabe? E chegava às 5h00min eles estavam pegando o trabalhador, levavam pro eucaliptal, largava o cara lá e só apanhava, o trabalhador ia chegar em casa as 18h00min, 18h30min, 19h00min. Uma escravidão total. E essas empresas todas, todas. E Nestlé? Fala: “mas Nestlé, quê que tá fazendo?” Ela usava madeira pra fazer os produtos dela lá. Aí eles tiveram que fazer acampamento, acabar com os gatos, mas mesmo assim entraram as terceirizações. É isso que eles estão querendo fazer hoje. Eu, a primeira terceirização que eu conheci foi a da Vale do Rio Doce estatal. Início da década de 60. Absurdo, absurdo. Mas daí pra frente eles foram obrigados... E a Cenibra tinha 10 mil

trabalhadores no reflorestamento, tudo empreiteiras que não tinham a menor condição financeira de ser empregadoras, era pequenas empresas que ela mandava criar, e ali o indivíduo ia, como essas grandes empresas fazem, esses terceiros, elas arrocham eles, se tem lucro é muito pouco, que aí eles exploram, exploram o trabalho pra valer. E isso foi em toda essa região aí. Aí foi mudando tudo, mudando tudo. Tinha que registrar. Essas terceiras da Cemig, nós combatemos elas até eles decidirem a primarizar a mão de obra, não terceirizar mais. Então foi um avanço todo, nessa área toda do reflorestamento. Foi um trabalho muito positivo, mas ainda hoje eu tive recentemente contato com alguns trabalhadores, o horário de trabalho ainda é o mesmo. Saem as 5h00min pro trabalho, chegam em casa à noite, não pagam as horas extras e salário miserável, salário miserável. Aí vem a questão da legislação que não se cumpre, né? É um absurdo! É um absurdo! O empresário não cumpre a lei. Olha, a Constituição tá aí. O salário mínimo deveria ser, eu calculei agora esses dias, em virtude da... O custo da alimentação diminuiu muito pouco ultimamente, então e o DIEESE, ele publica mensalmente a questão do salário mínimo, e o DIEESE, essa semana passada eu olhei, o salário mínimo deveria ser R\$3.861,00, tá R\$937,00. Quer dizer, o congresso, o governo federal, o judiciário, um escândalo, eles permitem isso. Que isso é uma estrutura integrada pra reduzir o salário dos brasileiros, e os brasileiros não percebem isso! Não vão contra isso! O salário médio dos brasileiros hoje deve tá em torno dos R\$2.100,00, mais ou menos, quer dizer, a grande massa de assalariados brasileiros não recebem sequer do salário mínimo da Constituição! Esta é a realidade agora. Quer dizer, a lei, a lei não é acatada, e eles pra não ter essas 90 mil ações ajuizadas na justiça, querem acabar com a legislação. Falam: “Não, a legislação é ultrapassada!” Ultrapassada é uma ova! Ultrapassada uma ova! E se não fosse o Getúlio Vargas, não tinha nada disso, e depois do Getúlio Vargas tudo que vêm fazendo é para acabar com a aposentadoria pública. Nenhuma outra merece crédito, a única aposentadoria de uma, de um instituto de previdência altamente superavitário, e que eles não recolhem lá, o devia recorrer, que é contribuição sobre o PIS/PASEP, imposto de importação e tudo, não conduzem, isso é o cofre da Previdência Social. Quer dizer, é furto! É roubo de tudo aquilo que beneficia o trabalhador nesse país. Até hoje é isso, gente. Ainda tão... Querem acabar com a previdência, dizendo que é deficitária. Não é! Não é! O Paulo Paim agora propôs e conseguiu uma CPI, e vamos comprovar lá o roubo do dinheiro público.

JOSÉ ANTÔNIO: Senhor João, vou fazer poucas questões, só pra, né? O senhor relatou pra nós, enfim, a questão da intervenção mesmo, da repressão sobre os sindicatos, sobre trabalhadores, na Belgo, né? E o senhor tem lembranças de informações que chegaram a vocês, de situações também em outras empresas, seja da siderurgia, enfim, né? Na época lá de, depois de 64?

JOÃO PAULO: E o que é que você quer saber?

JOSÉ: Ué... De intervenções em outras empresas do setor da metalurgia, siderurgia...

JOÃO PAULO: Olha, eu, devido a essa minha participação sindical quando... Aí nós chegamos em 78, saiu a greve, e em 78 nós decidimos fazer o seguinte, que nós, já com essa questão das escalas de revezamento, com a Belgo e que ela não ia cumprir, então em 78 nós fizemos uma eleição e decidimos montar uma chapa, e eu saia da presidência e ia pra um cargo da diretoria mais abaixo, e quem seria presidente, um companheiro que era vice-presidente da minha chapa, que era, ele era um eletricista, era da área de eletricidade da Belgo, uma pessoa muito, muito boa, um indivíduo muito consciente, e nós então elegemos essa diretoria, porque nós temíamos que, havendo essa greve em 78, eles pudessem fazer intervenção na diretoria, a qual eu presidia, em razão da greve. Então nós fizemos essa eleição e na greve, era muita tensão, né? Muita... Era muito duro, porque a repressão era muito grande, não é? E nós fizemos essa greve, e o presidente que seria presidente do sindicato logo em seguida participou fortemente desse movimento nosso, e quando terminou a greve, ele já presidente, ele veio à Belo Horizonte, que ele era presidente do coral lá, dos trabalhadores de Monlevade. Ele veio à Belo Horizonte, porque ele era da Federação dos Corais do Estado de Minas Gerais, e o negócio foi tão pesado pra ele que, na ida de Belo Horizonte lá pra Monlevade, ele teve um infarto fulminante dirigindo. 41 anos, 41 anos de idade. Então assumiu a presidência no sindicato o que era vice dele, também um companheiro muito bom, e que teve que administrar duas greves. Em 81 teve um ataque cardíaco e morreu assim, em 15 minutos. Então nós perdemos dois companheiros, dois companheiros em pouco tempo de problema cardíaco, e isso era assim, assim, o peso da tarefa que cabia ao dirigente sindical nessa época, que realmente tivesse comprometido com a função dele de dirigente sindical. Era muito, muito, muito pesado, não é? E as...

JOÃO PAULO: E perseguições tinham... Eu não pude continuar com minha família em Monlevade pelas ameaças que eu sofria. Eu nasci aqui em Belo Horizonte, toda vida tive casa aqui, então eu tive que trazer minha família pra cá. Várias vezes eles

atentaram contra mim, não é? Várias vezes. Minha casa, invadiram minha casa duas vezes, arreventaram minha casa e tudo que eu tinha lá dentro, quebraram tudo. Uma vez, meu filho tava estudando em Dom Silvério, eu tava sozinho em casa, no domingo eu saí e fui pro sindicato cedo, porque eu tinha que escrever uma porção de coisa lá. Quando deu umas 11h30min eu resolvi voltar pra casa pra, meu filho tá aí, eu vou chamar ele pra almoçar e a gente conversar um pouco, quando eu chego lá, eu tinha saído... Minha casa, a cozinha era encostada em um paredão, muro de uns 6 metros de altura, e ali tava a porta de entrada pra minha cozinha. Eu saí de manhã, abri a porta, saí e deixei ela no trinco mesmo, e fui embora pro sindicato. Quando eu cheguei, quando eu cheguei na minha casa, abri a porta, as 6 bocas do fogão lá em casa tava aberta eu gritei meu filho, que ele tava dormindo em um quarto lá da frente, abri o basculante, abri a porta, a outra porta e corri lá dentro, quando eu cheguei no quarto, eu falei: "Sílvio, você mexeu no fogão?", o indivíduo ainda tava dentro da minha casa. Eu ouvi o barulho dele fechando a porta lá fora, quando eu voltei, tinha em um canto da saleta onde tava minha televisão, era uma mesinha com tampo de madeira e um... Os pés dela eram em X, no meio tinha uma pequena pranchetazinha onde eu colocava livros e jornais que eu tava lendo ali, ali naquela sala... Eles tinham juntado os jornais todos e fogo ali. Eles iam pôr fogo no tampo da mesa de madeira com a televisão em cima e o gás aberto lá, né? E estourar a casa toda. Era assim. Tentaram também numa noite me agredir, eu cheguei em casa 23h30min, a minha garagem era do lado da minha casa, um pouco pra frente, as portas eram de lâminas metálicas, né? Eram de aço, e então eu cheguei e abri a garagem e pus meu carro lá dentro, quando... Não tinha ninguém na rua, não tinha ninguém na rua, quando eu voltei eu vi sombra de duas pessoas atrás da porta da garagem, porque ela abria em cima do passeio da rua. Aí eu voltei e peguei um pedaço de cano de ferro e puxei a porta e encostei na porta tinham 3 indivíduos lá. Os 3 com soco inglês e revólver aqui, ó, vieram pra me agredir. Felizmente eu morava na beira do Rio Piracicaba, veio um carro do lado de lá, entrou na ponte, era um companheiro de Bela Vista que me salvou. Parou o carro e saiu com o revólver na mão. Aí eu não fui agredido. Os três indivíduos saíram tranquilamente andando, entraram num Fiatzinho, aqueles Fiat 147 antigo, e foram embora. Quer dizer, várias vezes eu tive que passar por esses... Eles não, era evidente que eles não queriam me matar, queriam me calar, né? Se quisessem me matar, tinham matado. Mas eu perdi a condição de manter a minha família em Monlevade. E outras vezes, eu dormindo, duas horas da manhã, chegam e

dão uma pancada na porta da varanda da minha casa. Telefonavam pra mim me ameaçando, eu abria a porta, dois indivíduos na minha frente me desacatando, revólver aqui, ó, E eu nem respondia, né? Saíam e iam embora. Quer dizer, tudo pra fazer a gente calar. Quem é que tava por trás disso, não é? Nessa época a repressão era absoluta não é?

JOSE ANTÔNIO: Antes de devolver a palavra pro senhor fazer os comentários, suas considerações finais, agradecer ao senhor pela disponibilidade, pela disposição, né? E por trazer essas muitas informações, muitos dados importantes pra gente compor esse relatório sobre violações de Direitos Humanos aos trabalhadores urbanos. Pelo relato do senhor e de outras pessoas, a gente percebe que a classe trabalhadora, de um modo geral, teve, sofreu muito...

JOÃO PAULO: E sofre ainda, né?

JOSE ANTÔNIO: E ainda sofre. Então...

JOÃO PAULO: Por nada, né?

JOSE ANTÔNIO: Com o senhor a palavra aí, para o senhor...

JOÃO PAULO: Eu... O mais importante é que todas as pessoas tomem conhecimento da verdadeira história do nosso país, né? Esse momento é um momento muito significativo e que todo mundo acha, porque é a mídia vendida, todos os veículos de comunicação fazem parte do sistema, e as pessoas acabam tendo o conhecimento do que não é real no país, é o que eles querem que as pessoas conheçam, as pessoas são alienadas, completamente alienadas, como nesse momento e se... Eu falo as vezes que foi um golpe, "que? Que golpe sô? É corrupção!" A corrupção foi o pretexto, como lá em 64 o pretexto foi o comunismo. É a mesma coisa, mas por trás disso tão os grandes interesses, principalmente da origem do terrorismo mundial, eu repito Estados Unidos da América do Norte. Que jogaram duas bombas atômicas depois da guerra vencida, que os alemães estavam liquidados, os japoneses também, eles despejam duas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki pra dizer pro mundo: "olha aqui, ó, olha o que eu tenho. Fiquem caladinhos e se submetam a nós." Essa... Então a história infelizmente é desconhecida. A maioria dos educandários brasileiros são da igreja católica, e nenhum educandário brasileiro conta a real história do nosso país. Esse livro do René Armand Dreifuss, "1964, a conquista do estado", devia ser objeto de estudo no Ensino Fundamental, até a oitava série, deviam conhecer a história do país, porque aquilo é documento, não é narração, não é blábláblá. Contam como os Estados Unidos levaram 4.000 militares no centro de estudos lá dos Estados Unidos e

prepararam o Golpe. E deram o Golpe. E invadiriam o Brasil, porque eles estavam, os Estados Unidos estavam com navios, porta-aviões, dezenas e dezenas de milhares de soldados na costa brasileira, se o Golpe não se consolidasse, eles entrariam no Brasil, como entraram no Iraque, como entram em muitos outros países, os Estados Unidos a maior indústria deles é a indústria armamentista, então eles têm que fazer guerra pra consumir, e eles é quem vendem, vendem armamento até para os inimigos deles. Até pra gente que não são de... Países que não são... Dominados por eles. Então é o mercantilismo e o armamentismo. Os brasileiros precisam conhecer a verdadeira história desse país pra que de hoje pra frente saibam realmente o que acontece nesse país. Nós não podemos continuar submetidos a uma exploração das nossas riquezas e do trabalho brasileiro como é hoje. Os piores salários do mundo, ninguém ganha bem, as grandes empresas gastam uma porcaria com o salário. Você vê uma empresa como a ArcelorMittal, que é a Belgo-Mineira, produzia 500 mil toneladas de aço com 5 mil e tantos trabalhadores, produz 1 milhão e 200 mil toneladas hoje com 900 trabalhadores, e ainda terceiriza uma parte, pra quê? Pra diminuir salário, pra fugir da representação dos sindicatos, porque você tem uma empresa de construção civil terceirizando atividade siderúrgica, então esse trabalhador que tá lá, eles dizem que não são representados por vocês, são da construção civil. Então é assim, é golpe, é conspiração sempre contra os interesses do nosso país. Muito obrigado por vocês terem me dado a oportunidade de falar isso tudo.

JOSÉ ANTÔNIO: Nós que agradecemos, né? Agora são 11h40min.

JOÃO PAULO: Falamos bastante, não é?

JOSÉ ANTÔNIO: Desta terça, 28 de março, e foi muito bom, né?

JOÃO PAULO: Eu que agradeço.

JOSÉ ANTÔNIO: Conversar com o senhor. Então encerramos.

JOÃO PAULO: Até hoje, infelizmente, eu ainda tô nas atividades sindicais aí. Sou diretor da CUT do Vale do Aço e fico lá na Federação dos Trabalhadores lá, que você foi lá. Federação dos Trabalhadores da Indústria Ativa, e dou assessoria pra vários sindicatos.

INTERLOCUTOR: (Trecho incompreensível)

JOÃO PAULO: Graciosamente, não recebo nada de ninguém.

JOSÉ ANTÔNIO: É isso aí. Mas tá bom.

RONALD ROCHA: Fizemos a oitiva COVEMG...

JOÃO PAULO: Hein?



RONALD ROCHA: Colhemos depoimentos do Ênio, do Seabra.

JOÃO PAULO: É. Ele tá vivo ainda?

RONALD ROCHA: Vivo.

JOÃO PAULO: Vivo ainda? Tá?

RONALD ROCHA: Vivo, e tá bem...

JOÃO PAULO: Tá bem, né? Eu felizmente sou uma pessoa muito saudável.